

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Professora: Raquel Garcia Punhagui

RG: 2175290-8

Área: Língua Portuguesa

Núcleo Regional: Apucarana

Professor Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Adolfo

IES: UEL - Universidade Estadual de Londrina

Escola de Implementação: Colégio Estadual João Plath – Ensino Fundamental e Médio.

Público objeto da intervenção: 8ª série do Ensino Fundamental

Produção Pedagógica: Unidade Didática.



CRÓNICAS



£

CRÔNICAS

CRÔNICAS

CRÔNICAS

CRÔNICAS...



PARA

VOCÊ...



**PARA
MIM...**

PARA

NÓS!!!



UNIDADE DIDÁTICA

Você já passou por uma situação onde sentisse vergonha de escrever algo por julgar que a sua letra não fosse lá grandes coisas? Pois, é. Muita gente não aprecia a própria grafia. Para a alegria dessas pessoas as máquinas de escrever existem e mais modernamente falando, os teclados dos computadores, que são grandes aliados para quem tem letra ilegível.

Mas, trocar a letra manuscrita pela digitação é uma boa idéia? O que você pensa a respeito disso?

Vamos entrar nessa conversa começando por “matar” uma curiosidade: Quem inventou a máquina de escrever? Leia o texto e descubra, se puder:



MÁQUINA DE ESCREVER

O inglês Henry Mill apresentou, em 1714, o primeiro pedido de patente de uma “máquina artificial para impressão de letras”. Mas o invento não pegou.

Assim como ocorreu com o avião, brasileiros e americanos lutam para saber quem a criou primeiro. Para os brasileiros, a invenção pertence ao paraibano Francisco João Azevedo (1814-80), que começou sua vida como tipógrafo antes de se ordenar padre. No Arsenal de Guerra de Recife, desenvolveu um sistema de gravação em aço. Depois construiu uma máquina taquigráfica e, finalmente, apresentou uma máquina de escrever em madeira na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, inaugurada em 2 de dezembro de 1861. Mesmo com todo o alvoroço que a máquina obteve, ele não conseguiu o apoio financeiro que precisava para aperfeiçoá-la. Conta-se que, durante a exposição, um americano convidou o padre Azevedo a viajar até os Estados Unidos

para apresentar sua máquina. Doente, o padre resolveu confiá-la ao tal americano. Para sua surpresa, a invenção acabaria sendo lançada alguns anos depois.

Para os americanos, a história é outra:...

.....
Livro das Invenções,2001, p165.



Pesquise, junto a seu professor de História, a versão americana da descoberta da máquina de escrever e registre em seu caderno.

Brasileiros ou americanos? O fato é que a máquina de escrever já salvou muita gente de situações embaraçosas em se tratando de uma grafia ilegível.

Atualmente, essas máquinas já estão ultrapassadas. Com o crescente desenvolvimento tecnológico os computadores nos permitem digitar textos e formatá-los conforme a necessidade de cada escritor. Além disso, eles possuem programas que corrigem gramaticalmente as escritas, colaborando com aqueles que têm dificuldades com o uso da língua.

Leia a crônica abaixo que fala um pouco sobre este assunto e depois comente com seus colegas de sala o que mais lhe chamou a atenção.

Mas, antes disso...

O que é mesmo uma crônica?

A palavra crônica vem do grego *Chronos* que significa tempo. Ela está relacionada aos acontecimentos cotidianos que são registrados cronologicamente.

A crônica pertence a um gênero rico em informações da atualidade, é um texto curto que tem por finalidade agradar ao leitor, por isso pode despertar nas pessoas o gosto pela leitura, que é um hábito saudável e deve ser praticado por todos.

Pode-se dizer que a crônica é um comentário leve e breve sobre algum fato comum da vida das pessoas. Algo para ser lido durante um lanchinho, um momento de descontração ou em ocasiões onde se quer diversão sem sair de casa.

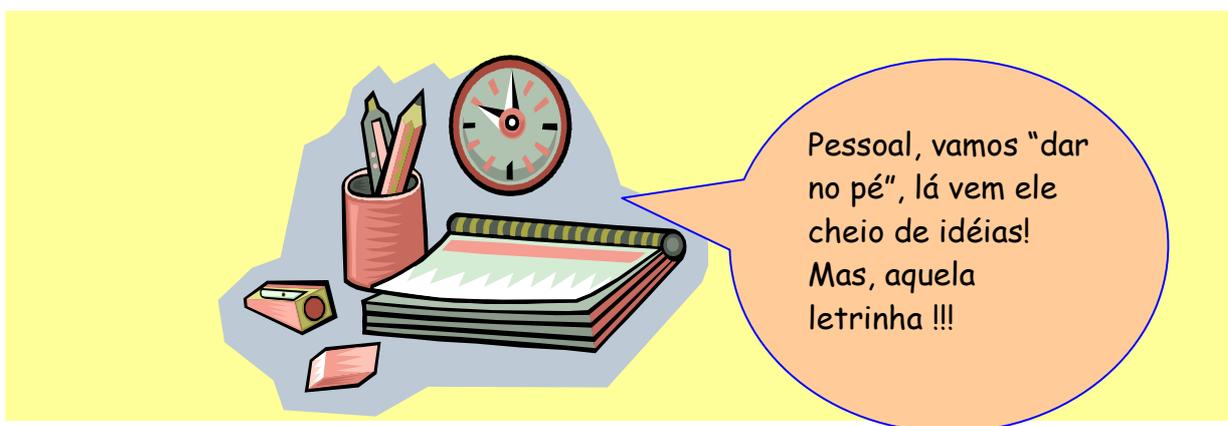
A crônica, na maioria dos casos, é um texto curto narrado em primeira pessoa (mas pode ser narrada em outras pessoas também). Daí a sensação de o escritor estar “dialogando” com o leitor.

Geralmente, a crônica apresenta linguagem simples, espontânea, situada entre a linguagem oral e a escrita.

São algumas características das crônicas, dentre outras:

- * **Narração pela ordem de acontecimento dos fatos;**
- * **Pequeno texto baseado em algo do cotidiano;**
- * **Normalmente possui uma crítica indireta;**
- * **Muitas vezes vem escrita em tom humorístico;**
- * **Algumas vezes é irônica.**

Agora sim. Vamos para a crônica “Papo com o travesseiro”:



PAPO COM O TRAVESSEIRO (Fábio Castaldelli)

Antes de dormir, costumo estabelecer uma relação de diálogo com o meu travesseiro. Assuntos amorosos, profissionais, acadêmicos, ou de qualquer outra ordem, são debatidos aos sussurros, para não incomodar as paredes, janela e outros objetos de meu quarto. Bom conselheiro, aliás, é meu travesseiro. Já ajudou a me livrar de cada uma...

Foi em uma dessas conversas que cheguei, ou melhor, chegamos a uma pertinente conclusão: no dia da distribuição dos dons, eu passei longe (muito longe) de duas filas, a da dança e a da caligrafia.

Verdade! Não sei dançar, nunca soube. Minhas pernas são desobedientes, meu quadril é rijo feito uma rocha e meu ritmo segue um compasso próprio. Até gostaria de aproveitar esse momento para pedir desculpas às garotas que pisoteei em algumas tentativas importunas.

Confesso que não conseguir realizar um “*dois pra lá, dois pra cá*”, o ritmo mais primitivo que existe, às vezes me incomoda, até porque sei que minha Marília (que

nada tem a ver com a de Dirceu) gosta destas danças. Mas tudo bem, não é nada pra se desesperar. Há outras maneiras de compensar minha arritmia, e sinceramente (que não me levem a mal os dançarinos e adeptos dessa prática), acredito que dançar é uma maneira bem estranha de se expressar.

Já no que diz respeito à caligrafia, o problema é bem mais grave. Devo estar sendo castigado e repreendido pelas bobagens que andei escrevendo nos últimos tempos. Só pode ser. A cada dia minha letra fica mais “garranchada”, epigráfica, indigna de qualquer elogio, seja cursiva, de forma, maiúscula ou minúscula.

Escrevo tão horrendamente, e digo isso com um pesar que vocês nem imaginam, que minhas pobres letrinhas não passam de caricaturas do que seriam letras de verdade. Sempre evitei as cartas.

Não sei se meus tendões e articulações se atrofiaram devido ao vício e comodidade da digitação. Mas é uma hipótese que não deve ser descartada. Como é que um “R” pode parecer com um “S”, um “J” com um “I”, um “G” com um “J” e um “H” com nenhuma das 26 letras do nosso alfabeto?, pergunto-me. Também me pergunta o travesseiro. Não faço a mínima idéia.

Sempre fui taxado de desorganizado e de descuidado, só por pedir emprestada uma caneta por dia. Ocorre que depois de algumas horas de uso, elas simplesmente desaparecem. Coitada da minha amiga Gisele... Foram tantas canetas surrupiadas... Não, eu não perco as canetas. Elas é que fogem de mim, envergonhadas por serem tão maltratadas e terem suas tintas, aquilo que possuem de mais valioso, tão mal aproveitadas.

Sorte sua leitor, e também minha (mais minha do que sua), dispormos do computador, onde a “Times New Roman” se encarrega de traduzir as bobagens que invento.

Mas enquanto minha letra não melhora, e tudo indica que não vai melhorar mesmo, prefiro acreditar no que dizem os filósofos: “É nas piores caligrafias, que estão os melhores conteúdos”.Tudo bem, eu sei, nenhum filósofo disse isso. Mas poderiam ter dito.

Para desengargo de consciência, amanhã vou até a vendinha perto de onde trabalho e comprarei um lindo caderno de caligrafia. Porém duas coisas já estão decididas. Primeira: não vou parar de escrever, mesmo que isso agrida aos olhos e os manuais da boa caligrafia. Segunda: só vou tentar dançar novamente quando for estritamente, indispensavelmente, surpreendentemente necessário.

Agora, me dêem licença, tenho uma conversa a terminar... E você meu travesseiro? Como foi o seu dia?

Esta crônica foi publicada na Folha de Londrina , no Caderno 2, no dia 18 de junho de 2008.

E então? Você já ouviu falar em Fábio Castaldelli?

Castaldelli é um jovem universitário que cursa Jornalismo e História. Ele gosta muito de escrever e até tem um site com diversos trabalhos que produziu. Você pode encontrá-lo na Internet no endereço <http://recantodasletras.uol.com.br/autor.php?id=23677>

Que tal estudarmos um pouco a crônica de Castaldelli, que acabamos de ler?



Vamos às atividades:

Feita a leitura da crônica “Papo com o travesseiro” responda as questões:



Leitura das linhas:

1. Quem são os personagens do texto?
2. Onde ocorre o fato narrado?
3. De que assuntos o texto trata?
4. Com quem o narrador costuma conversar?
5. A quem o narrador está se dirigindo durante a narrativa da crônica?
6. O personagem diz não ter recebido duas habilidades motoras que julga muito importantes na sua vida. Que habilidades são essas? Por que elas seriam importantes para ele? E para você, elas seriam interessantes?
7. Para quem o texto foi escrito?
8. É possível dizer onde o texto foi escrito?
9. Que público teve acesso a esta crônica?
10. Onde a crônica foi publicada?
11. Quem é o autor do texto?
12. Você saberia dizer quem é Marília de Dirceu, citada no quarto parágrafo?
13. A quem é dirigido o sexto parágrafo, especificamente?
14. No final do texto a quem o narrador pede licença?



Leitura das entrelinhas:

1. O texto lido é uma crônica. Que elementos assim o caracterizam?
2. O que significa a expressão “dois pra lá, dois pra cá” que aparece no quarto parágrafo? A que ela se refere? Você já tinha ouvido tal expressão antes? Comente.
3. No sexto parágrafo o personagem diz que suas “letrinhas não passam de caricaturas ...”. Explique o sentido desta frase.
4. No décimo parágrafo a expressão “ É nas piores caligrafias , que estão os melhores conteúdos”, nos faz lembrar de um dito popular muito usado. Você saberia dizer qual é esse provérbio e o que ele quer dizer ? A expressão do texto, aqui citada, poderia tornar-se um provérbio? Por quê?
5. O narrador comenta que sua letra é muito feia. Ele atribui isso a quê?
6. Que solução o personagem encontrou para ser compreendido através da escrita?
7. Que relação tem os fatos de o personagem possuir letra ruim e não saber dançar?
8. Qual é o objetivo desta crônica?



Leitura para além das linhas:

1. Tente imaginar como seria a continuação da conversa do personagem com o travesseiro e escreva este diálogo em seu caderno.
2. O autor usou o recurso da personificação do travesseiro e de outros objetos. Na sua opinião por que ele fez isso?
3. Por que será que as canetas “fogem” das mãos do nosso personagem?
4. Em que situações as pessoas costumam falar com objetos?
5. Para resolver os dois problemas apresentados pelo narrador, que conselhos você daria a ele?
6. Antes da apresentação da crônica “Papo com o travesseiro” há uma ilustração. Que relação ela tem com este texto?

O importante mesmo é não ter medo de ler e escrever. A escrita e a leitura são fundamentais na vida do homem. Elas humanizam as pessoas e garantem a perpetuação e crescimento dos conhecimentos através de registros feitos pela escrita e interpretados pela leitura.

Para Moacyr Scliar, médico e escritor, escrever é um “vício benéfico” para todas as pessoas. Veja um texto dele sobre isso:

Vinte e uma coisas que aprendi como escritor

APRENDI que escrever é basicamente contar histórias, e que os melhores livros de ficção que li eram aqueles que tinham uma história para contar.

APRENDI que o ato de escrever é uma seqüela do ato de ler. É preciso captar com os olhos as imagens das letras, guardá-las no reservatório que temos em nossa mente e utilizá-las para compor depois as nossas próprias palavras.

APRENDI que, quando se começa, plagiar não faz mal nenhum. Copiei descaradamente muitos escritores, Monteiro Lobato, Viriato Correa e outros. Não se incomodaram com isto. E copiar me fez muito bem.

APRENDI que, quando se começa a escrever, sempre se é autobiográfico, o que - de novo - não prejudica. Mas os escritores que ficam sempre na autobiografia, que só olham para o próprio umbigo, acabam se tornando chatos.

APRENDI que, para aprender a escrever, tinha de escrever. Não adiantava só ficar falando de como é bonito (...)

APRENDI que uma boa idéia pode ocorrer a qualquer momento: conversando com alguém, comendo, caminhando, lendo (e, segundo Agatha Christie, lavando pratos).

APRENDI que uma boa idéia é realmente boa quando não nos abandona, Se veio para ficar, se resiste ao sono, ao cansaço, ao cotidiano, é porque merece atenção.

APRENDI que aeroportos e bares são grandes lugares para se escrever. O bar, por razões óbvias; o aeroporto, porque neles a vida como que está em suspenso. Nada como uma existência provisória para despertar a inspiração literária.

APRENDI que as costas do talão de cheque é um bom lugar para anotar idéias (é por isso que escritor tem de ganhar a grana suficiente para abrir uma conta bancária). O guardanapo do restaurante também serve, desde que seja de papel e não de pano. (...)

APRENDI que o computador é um grande avanço no trabalho de escrever, mas tem um único inconveniente: elimina os originais, os riscos, os borrões, e portanto a história do texto, a qual - como toda história - pode nos ensinar muito.

APRENDI que a mancha gráfica representada pelo texto impresso diz muito sobre este mesmo texto. As linhas não podem estar cheias de palavras; o espaço vazio é tão eloqüente quanto o espaço preenchido pela escrita. O texto precisa respirar, e quando respira, fica graficamente bonito. Um texto bonito é um texto bom.

APRENDI a rasgar e jogar fora. Quando um texto não é bom, ele não é bom - ponto. Por causa da autocomiseração (é a nossa vida que está ali!) temos a tentação de preservá-lo, esperando que, de forma misteriosa, melhore por si. Ilusão. É preciso ter a coragem de se desfazer. A cesta de papel é uma grande amiga do escritor. (...)

APRENDI a não ter pressa de publicar. Já se ouviu falar de muitos escritores batendo aflitos, à porta de editores. O que é mais raro, muito mais raro, são os leitores batendo à porta do escritor.

APRENDI a não reler meus livros. Um livro tem existência autônoma, boa e má. Não precisa do olhar de quem o escreveu para sobreviver.

APRENDI que, para um escritor, um livro é como um filho, mas que é preciso diferenciar entre filhos e livros.

APRENDI que terminar um livro se acompanha de uma sensação de vazio, mas que o vazio também faz parte da vida de quem escreve.

APRENDI que há uma diferença entre literatura e vida literária, entre literatura e política literária. Escrever é um vício solitário.

APRENDI a diferenciar entre o verdadeiro crítico e o falso crítico. O falso crítico não está falando do que leu. Está falando dos seus próprios problemas.

APRENDI que, para um escritor, frio na barriga ou pêlos do braço arrepiados são um bom sinal: um livro vem vindo aí.

**SCLIAR, Moacyr. In: Blau-Jornal Bimestral de literatura
Porto Alegre, n.5, de agosto de 1995.**

O texto “Vinte e uma coisas que aprendi como escritor”, de Moacyr Scliar, apresenta dicas para quem pretende começar seus trabalhos de produções escritas.

Com muito bom humor e sabedoria Scliar vai dando seu recado. Seu texto leve e descontraído compõe uma crônica muito bem elaborada para ser lida a qualquer momento.



Vamos às atividades:

Após a leitura do texto “Vinte e uma coisas que aprendi como escritor”, responda as questões:

1- Que assunto foi abordado no texto de Moacyr que também aparece na crônica de Fábio Castaldelli?

2- Assinale apenas uma resposta correta para cada questão:

Segundo o nono parágrafo do texto:

- a) Todos os escritores devem ter talão de cheques.
- b) Os bons escritores são aqueles que possuem muito dinheiro.
- c) Anotar idéias nos talões de cheques é um hábito comum entre os escritores.
- d) Os escritores devem escrever suas idéias em algum lugar, até mesmo nas costas de um talão de cheques.

Segundo o sexto e sétimo parágrafos do texto:

- a) Boa idéia não se apaga da memória.
- b) Boa idéia tem que ser anotada logo, antes que ela desapareça.
- c) Boa idéia é coisa de quem tem boa memória.

d) Boa idéia ocorre sempre em momentos importantes.

Segundo o penúltimo parágrafo do texto:

- a) Um falso crítico literário não fala de seus problemas.
- b) Um falso crítico literário fala do que leu.
- c) Um crítico literário de verdade é aquele que lê atentamente a obra a ser analisada.
- d) Um crítico literário de verdade fala de seus problemas.

No oitavo parágrafo da obra “Vinte e uma coisas que aprendi como escritor”, Scliar comenta sobre lugares interessantes para se escrever algo. Fernando Sabino, outro escritor de crônicas, reforça esta mesma idéia de Scliar no primeiro parágrafo de “A última crônica”. Veja:

A ÚLTIMA CRÔNICA

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu quereria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

.....

Disponível em : <http://.almacarioca.com.br/cro169.htm>

E então, conseguiu encontrar alguma relação entre os dois textos lidos no início desta unidade e o trecho da crônica de Fernando Sabino? Você poderia escrever o final desta história e depois compará-la com o verdadeiro final dado pelo próprio autor. Então, pegue a caneta e entre nesta brincadeira.

Muito bem, agora pesquise junto à biblioteca de sua escola, ou com professores e colegas a “Última crônica”, de Fernando Sabino, na íntegra.



Vamos às atividades.

Após a pesquisa, responda as questões baseando-se no texto “A última crônica”, de Fernando Sabino.



Leitura das linhas:

1. Quem são os personagens da crônica lida?
2. Onde ocorre o fato narrado?
3. O que está sendo comemorado na história? Que elementos indicam isso?
4. Descreva os três personagens principais.
5. Que características o texto apresenta que o classificam como sendo uma crônica?



Leitura das entrelinhas:

1. A crônica narra de forma peculiar acontecimentos do cotidiano. Que fatos estão enfatizados no texto de Fernando Sabino?
2. Muitas vezes a crônica traz, de forma leve e descontraída, relatos com o objetivo de divertir ou refletir sobre os acontecimentos da vida. Identifique essas duas marcas no texto de Fernando Sabino.
3. Como é o narrador do texto: personagem ou observador? Como você chegou a esta conclusão?
4. A que classe social pertencem os três personagens principais da crônica? Justifique sua resposta.



Leitura para além das linhas:

1. O que importava para os pais da menina naquele momento em que estavam no bar com ela?
2. Como era o relacionamento entre os três personagens?
3. Na sua opinião, o pai, a mãe e a menina do texto estavam preocupados com o

- que as pessoas do bar pensariam a respeito deles? Justifique?
4. Faça um comentário a respeito de suas impressões sobre o texto.
 5. Como você avalia a postura do garçom na história narrada?
 6. O pai, a mãe e a menina estavam à vontade naquele bar? Justifique sua resposta com passagem do texto.

Muito bem. Vamos em frente.

O próximo texto que você lerá fala de um assunto da modernidade. Veja se você já faz parte dele.



Como ela será na realidade?



Amigos reais ou virtuais?

A Internet chegou ao Brasil na década de 1990 e foi se expandindo. Hoje, ela possui ferramentas capazes de promover a interação entre pessoas de diversas partes do mundo. Essas pessoas podem se conhecer por meio da Internet e até formarem

grupos com idéias comuns. Com isso, diversas formas de interação vão aparecendo como os sites de relacionamentos, blogs, fotogs e outras tantas que ainda surgirão.

Por que fazem sucesso? Porque, muita gente está à procura de uma amizade equilibrada, interessante e a Internet possibilita encontrar pessoas de acordo com alguns critérios de afinidade. Assim formam-se relações de amizade mesmo existindo o fator da distância.

A Internet é rica em recursos interessantes. Com a criação das ferramentas de bate-papo e a utilização de apelidos, ela permite que as pessoas utilizem-se do anonimato. Sendo assim os indivíduos podem experimentar outras identidades, além das vividas no dia-a-dia. Mas, será que esta idéia de se passar por outra pessoa é realmente uma boa idéia?

Outra função dessas ferramentas de bate-papo ou encontros virtuais é a manutenção das amizades, inclusive aquelas feitas na vida real.

Benefícios ou malefícios? Ainda é cedo demais para se afirmar algo. Mas tudo o que é exagerado demonstra desequilíbrio. É preciso estar sempre à procura deste equilíbrio.

Um outro aspecto interessante chegou juntamente com a comunicação através da Internet. Uma nova forma de “escrever” as palavras está sendo utilizada pelos seus navegantes, que não querem perder tempo com os acentos, vírgulas, etc, etc... Será que esta nova forma de utilizar-se da linguagem pode ser uma ameaça ao “bom Português” ? Está aí um assunto interessante para fazer parte de uma roda de amigos. Que tal a sua?

Raquel Garcia Punhagui Bachega.

Gostou do assunto? Ele é bastante moderno, mas já está tão difundido que parece fazer parte da humanidade desde sua criação, pelo menos para este público jovem que “já nasce” dominando a linguagem tecnológica.

Faça uma roda com seus colegas de sala para trocarem idéias sobre o texto **Amigos reais ou virtuais?** Vai ser muito interessante

Para o debate utilize as seguintes questões:

1. E então, a que conclusão você chegou? O texto **Amigos reais ou virtuais?** pode ser considerado uma crônica? Por quê?
2. O texto está falando de quê? Que idéias são defendidas por ele? Você concorda com todas elas?
3. Sobre a alteração no modo de usar a língua escrita, você acha que esta nova forma de se expressar pode causar prejuízos para a Língua Portuguesa?
4. Por que as pessoas modificam os termos da língua escrita ao utilizá-los na Internet? Esta mesma forma de se escrever pode ser usada em uma situação de pedido de emprego? Por quê?

5. Existe alguma relação entre a reforma ortográfica de 2008, na Língua Portuguesa e as mudanças que são feitas na escrita na Internet?

Seguindo em frente.

Muitas pessoas têm medo de escrever um conto, um poema, uma crônica e não agradar ao público. Mas este medo só é superado quando se começa a escrever despreziosamente. Não se deve deixar de registrar, de alguma forma, nossos pensamentos, sentimentos, emoções. Disso tudo pode sair uma grande obra literária.

É exatamente sobre isso que trata a crônica “Porque voltei a escrever”, de Rita Martelini.

Rita Martelini é professora de Inglês e Língua Portuguesa. Publicou este trabalho na Folha de Londrina, em 03 de setembro de 2008.

Veja que belo texto:

Porque voltei a escrever

Era apenas um bate-papo informal na Internet, algo para relaxar e descontraír. Ele, português, agradável e bem humorado; eu, desanimada e há muito tempo sem escrever (sem contar que me sentia exausta naquela tarde de domingo). De repente, a conversa enveredou para as letras - e a essa altura já ríamos muito das diferenças lingüísticas entre os dois países... Essa coisa de “estar a fazer, em Portugal, é mesmo engraçada; mas ao menos assim foge-se do tal gerundismo, última moda por aqui”.

Foi quando me lembrei que já havia escrito uma crônica – pelo menos a enquadraram assim – e resolvi enviá-la ao meu amigo lusitano. Imediatamente, imaginei a reação de Armando (esse é o nome do meu amigo) quando a lesse: “Ora, pois, quantas coisas esquisitas que estás a dizer”. Para a minha surpresa, nada disso ocorreu. Sim. Eu pensei em críticas; sempre espero por elas. Mas não; não vieram, ou melhor, não da forma que eu imaginava. Armando apenas observou:

_ Tu a escreveste em 2004?

Sim, eu tinha escrito em 2004, mas o que isso tinha a ver? Antes que eu atinasse com o significado daquela pergunta, outro comentário:

_ Acho que tu não devias parar de escrever nunca.

Talvez a minha ausência literária pós aquela crônica de 2004 estivesse explícita em seu desiludido desfecho ou algo assim. Não sei. O que sei é que o meu amigo estava certo: eu não escrevia desde então.

Refletindo, pensei em grandes escritores e em toda a vasta produção literária de seus punhos e pensamentos...Quando pararam? Ou melhor: pararam e voltaram? Sim, porque a vida é um ir-e-vir infinito, eu sei. Mas o que os meus rabiscos tinham a ver com isso? Muitas coisas se passaram em minha cabeça. Armando não sabia, mas suas palavras produziam em mim um constante martelar – até agora o ouço.

Sentei-me, hoje, ao fraco sol das nove horas, como de costume. Uma terça-feira comum e o mundo a girar. Se meu caderninho falasse, talvez, olhar-me-ia com doce espanto, a perguntar: “Quanto tempo, hein?” Não. Ele não pode falar e nem me ouvir, mas acolhe os meus delírios e isso já está de bom tamanho.

Acho que era isso. Aquele bate-papo me tirou do sossego literário, e me jogou novamente na turba corriqueira das palavras. Como diria o poeta Murilo Mendes, em seu Choro do poeta atual, “nunca mais tenho sossego”.

Rita Martelini, Folha de Londrina, 03 de setembro de 2008.



Vamos às atividades.

Após a leitura da crônica “Porque voltei a escrever”, responda as questões:



Leitura das linhas:

1. Quem está narrando o texto?
2. Onde ocorre o fato narrado?
3. O que está sendo narrado na crônica?
4. Quem são os personagens do texto?
5. A personagem compara a língua portuguesa falada no Brasil com a falada em Portugal. Você conhece algumas expressões usadas apenas em Portugal? Quais?
6. Nossa língua sofreu uma grande influência da África. Você conhece vocábulos herdados dos nossos amigos africanos? Quais? Se não conhece, faça uma pesquisa e traga para seus colegas de sala conhecerem tais palavras ou expressões.
7. Que elementos do texto o caracterizam como sendo uma crônica?



Leitura das entrelinhas:

1. Ao ler a crônica **Porque voltei a escrever**, de Rita Martelini, você pôde observar alguma relação entre ela e os demais textos estudados nesta Unidade? Quais?
2. Por que a personagem pensou que seu amigo de Portugal iria criticar seu texto?
3. Qual foi a opinião do amigo a respeito do texto da personagem?
4. O que fez a personagem voltar a escrever?



Leitura para além das linhas:

1. Na sua opinião, por que a personagem do texto ficou tanto tempo sem escrever algo? O que impede as pessoas de escreverem um texto?
2. Releia o último parágrafo do texto e comente-o.

Muito bem, agora você já pode começar a escrever uma crônica. Pense um pouco sobre que assuntos você gostaria de falar e então passe estas idéias para o papel. Você sentirá como é gostoso ler e reler o que se escreve.

Não se esqueça das características da crônica:

- Texto não muito longo e leve;
- Narrativa interessante do cotidiano envolvendo acontecimentos, informações da atualidade;
- Narração em primeira ou terceira pessoa (de preferência);
- Usar tom humorístico, crítica indireta ou sátira.

E, quando tiver um tempinho, leia a crônica **Caderninho Azul**. Pode ser uma boa distração.



Caderninho Azul

Hoje pela manhã, como de costume, abri o jornal e passei os olhos pelas manchetes. Notícias e mais notícias, os mesmos assuntos de sempre... , mas uma delas chamou-me a atenção: “Projeto de Leitura é sucesso em escola de periferia”. Esta é novidade e vale a pena ser lida na íntegra.

Um grupo de professores está aplicando um projeto de leitura fantástico. O resultado está em destaque na escrita dos alunos, que estão com mais idéias e menos problemas de ortografia. Puxa! Esta notícia faz o dia começar animado!

Escrita! Escrever! Acabo de me lembrar que perdi meu pequeno caderno com textos, poemas, pensamentos que registro em momentos de “insight”. Que saudades das minhas escritas lá depositadas, lidas e relidas nas entrelinhas dos meus rabiscos. Coisas absurdas, ora fantásticas ou até mesmo surpreendentes.

Um pesar toma conta de mim quando penso: “quem será que encontrou meu caderninho?” O que será que esta pessoa pensou sobre mim ao folhear as páginas com as minhas anotações? Creio que imaginou que sou uma pessoa romântica, sensível e até intelectual.... é, intelectual sim, pois há momentos que até mesmo meu caderninho duvidava da minha presença em algumas divagações ecléticas e muito elaboradas saídas de minha mente em noites de insônia. Mas, em momentos de euforia as idéias surgiam atrapalhadas, risonhas e quase sem sentido para aquele cúmplice amigo, hoje perdido. Nestas linhas a minha imagem poderia surgir como a de um ser desorganizado e desprovido de bom senso. Mas, não vou importar-me com nada disso. Sou o que sou. Na verdade, ali no meu caderninho, não sou apenas uma, mas várias.

A letra! Ai, que orgulho! Redondinha, desenhada com capricho para ninguém perder tempo em tentar decifrá-la. Pois já me ocorreu perder um encontro muito esperado por não conseguir compreender a letra daquele que poderia ter sido o amor da minha vida. O seu bilhete chegou a tempo, mas recheado de riscos tão obtusos que não fui capaz decifrá-los. Então, faltei ao tão esperado encontro. Hoje ainda guardo, como recordação, aquele papel amarelado, triste, engavetado sem cumprir a missão a qual foi designado.

Intimidade! Isso mesmo! Um pedaço de mim ficou ali, naquele pequeno caderno de capa azul que nem ao menos sei por onde anda. Quem sabe molhado pela chuva em alguma calçada da cidade, ou sujo, empoeirado pelo pó do esquecimento, sem meu carinho e alimento diário feito pelas novas palavras que lá eram escritas a qualquer instante.

Já estou atrasada, deixarei a leitura do jornal para mais tarde. O trabalho me espera. Quarenta alunos com sede de aprender ou querendo falar e ouvir coisas novas, interessantes. Lá vou eu...Mas, na volta vou mudar o caminho e passarei pela redação do jornal para anunciar nos classificados: “Procura-se um caderninho de capa azul...”

Raquel Garcia Punhagui Bachega.

Bibliografia

DUARTE, Marcelo. O Livro das Invenções. Schwarcz LTDA. São Paulo, 2001;

FOLHA DE LONDRINA, Caderno 2, 18 de junho de 2008;

_____, Caderno 2, 03 de setembro de 2008;

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Pontes. São Paulo, 1989;

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. Cortez. São Paulo, 2002;

LAJOLO, Marisa. **O texto em sala de aula**. In ZILBERMAN, Regina (org). **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982;

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala a Escrita**. 6ª ed. São Paulo. Cortez Editora 2005;

WIDDOWSON, H.G. **O Ensino de Língua para Comunicação**. São Paulo. Pontes 2005;

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Pontes, 2001;

ZILBERMAN, Regina ; THEODORO, Ezequiel da Silva. **Leitura: Perspectivas interdisciplinares**. 5ª ed., São Paulo. Editora Ática 2005.